

Toda vez que eu lia sobre novos fotógrafos, ou via fotos espetaculares, eu sempre queria saber que tipo de equipamento havia sido usado¹. Aliás, essa minha obsessão com equipamento acabou me levando a comprar uma Hasselblad 500 EL de segunda mão; modelo parecido com o que foi usado na missão Apolo de 1969 (o autor se refere ao projeto da NASA que culminou com a chegada do homem à Lua - n.t.). Eu pensava que essa câmera me daria poderes para realizar milagres diariamente. A delusão foi dolorosamente curta. Minhas primeiras fotos com ela eram piores que as imagens feitas por mim com minha Kodak Instamatic. Foi só depois de muitos rolos de filme que eu fui descobrir que era possível produzir imagens de alta qualidade com minha nova câmera. Mas primeiro, eu tive que perceber que era eu quem devia fazer o trabalho. Eu tive que admitir que a lendária câmera Hasselblad era muito mais difícil de usar que uma 35mm reflex convencional, equipada com um fotômetro. Se eu quisesse obter algum sucesso com essa câmera, eu teria que desistir da minha perspectiva já adquirida e ajustar a minha visão para a perspectiva da câmera². Eu teria que abandonar seguranças do passado e me adaptar as exigências peculiares dessa câmera.

A “Hassy” 500 EL era uma câmera de médio-formato pesada, desajeitada, com um *motor-drive* (motor para avanço automático do filme - n.t.) barulhento. Sua imagem quadrada no vidro despolido era invertida, e como esse despolido no topo da câmera era o próprio visor, eu tinha que segurar a câmera nivelada com minha barriga, e não em frente aos meus olhos. Para mim, a pior desvantagem desse monstro enorme era a falta de um fotômetro embutido. A Hasselblad é uma das melhores câmeras já fabricadas. Mas, mesmo assim, eu não tinha dinheiro o bastante para comprar os acessórios que transformariam a minha câmera em um equipamento mais flexível e útil. Eu era obrigado a “me virar” com seus mecanismos mais básicos. E essa câmera grande, que chamava muito a atenção, era provavelmente uma das piores escolhas possíveis para uma das minhas atividades fotográficas favoritas - a fotografia de rua. Ironicamente, essa inconveniência tornou-se uma valiosa oportunidade para o desenvolvimento de habilidades fotográficas essenciais.

Para começar, o visor invertido da Hasselblad me ensinou uma nova maneira de ver. Me foi possível evitar um erro comum que muitos iniciantes cometem ao avaliar uma cena do ponto de vista do olho humano, e depois tentar capturá-la com a câmera³. Minhas pistas mais comuns não estavam disponíveis porque a imagem era invertida, e eu era obrigado a compor um assunto dentro do visor, imaginando diretamente como ele ficaria na imagem final. Ter que olhar através do visor com a câmera na altura de minha barriga me deu uma perspectiva nova através da qual eu podia explorar meus assuntos a partir de ângulos não convencionais. Além disso, o formato quadrado do visor emancipou minhas composições da forma retangular já conhecida da maioria das fotografias que são publicadas.

A ausência assustadora de um fotômetro tornar-se-ia um outro benefício. Eu fui forçado a ficar mais atento à intensidade da luz que caía sobre meus assuntos e tive que aprender a traduzir essa intensidade em um valor de exposição utilizável. Isso aumentou o meu gosto por sombras e outros elementos contrastantes. E também me levou a experimentar com variação de exposições - fotografar o mesmo assunto com diferentes aberturas de diafragma e velocidades de obturador a fim de criar a imagem mais apropriada. Em troca, as cópias resultantes da variação de exposição me ensinaram como o conteúdo emocional de uma imagem pode variar com as menores mudanças na exposição. Mais tarde, o fotômetro de mão que eu comprei aumentou ainda mais a minha sensibilidade para as menores variações de luz.

O *motor drive* da minha câmera era tão barulhento que eu só conseguia fazer uma única foto na rua antes de ser ouvido e descoberto. Esse limitador tornou necessário ter certeza do assunto, composição e regulagens da câmera de ante-mão, para poder captar a imagem que eu havia imaginado no primeiro disparo do obturador⁴.

Em última análise, a Hasselblad me ensinou a pensar fotograficamente e desenvolver habilidades técnicas necessárias. Talvez, com uma câmera menos prestigiosa, eu pudesse culpar o equipamento pelas minhas fotos tão ruins, mas o famoso nome Hasselblad na câmera me desafiou a ser capaz de manter seus padrões e a persistir através de um longo aprendizado baseado em tentativas e erros. Depois de muito tempo eu amadureci o bastante para perceber que o equipamento sozinho não é

capaz de assegurar talento fotográfico. Era hora de me despedir da minha teoria da varinha mágica.

Notas:

1 - Porque será que queremos sempre saber que câmera foi usada? Porque será que nunca perguntamos como o fotógrafo estava ao fazer a foto, ou como foi que ele chegou ali? Quais as suas crenças? Como ele encara a fotografia?

2 - O autor fala em desistir de uma perspectiva já adquirida. Será essa a questão? Desistir perspectiva própria? Se ajustar ao novo equipamento? Será que existe uma perspectiva própria, independente do equipamento que se usa? Será que essa perspectiva de que o autor fala não seria simplesmente a perspectiva que ele desenvolveu com um outro equipamento? Não seria o caso então de admitir que com cada equipamento desenvolvemos uma perspectiva diferente, resultado da nossa relação com esse equipamento?

3 - Muitos fotógrafos se utilizam do “truque” de possuir visores onde a imagem fica invertida, ou da esquerda para a direita, ou também de cabeça para baixo, a fim de se “descolarem” mais facilmente da avaliação racional dos objetos no quadro. Assim, ficam em contato mais direto com a forma; e fica mais difícil a nomeação dessas formas e o reconhecimento racional delas.

4 - Um aprendizado como esse pode ser importantíssimo. Ainda assim, fica evidente aqui que essa câmera não deixará o fotógrafo dar chance para a situação sem interferir nela. Uma câmera silenciosa permite que a cena se desenvolva e que o fotógrafo dance com ela sem pisar-lhe os pés.

Tradução e Notas por André Spinola e Castro
Para Rever - Estudos em Fotografia